O homem é um castelo feito no ar. O que ele tem de não existente, é que lhe dá existência. O engano em que ele vive, é que lhe dá vida. Toda a realidade do seu corpo se firma na mentira da sua alma.

Teixeira de Pascoaes

PRÓLOGO

Tinha os dedos dos pés cortados e as solas estavam negras do asfalto já palmilhado. Julieta andara descalça mais de quinze quilómetros. A sentir cada pedra pequena que se cravava na sua pele, cada lasca de vidro partido, de garrafas atiradas para a valeta, que se espetava entre os seus dedos. Vestia apenas uma camisa de dormir — transparente de tão puída, sem mangas e com o decote de botões aberto — e eram visíveis, através do luar, as formas do seu corpo magro. Ossos que se equilibravam num todo, mas que bamboleavam ao sabor do vento daquele início de setembro. Estava frio, mas ela não o sentia.

Enquanto caminhava, primeiro no mato e depois na obscuridade da estrada, a noite ia avançando transformando-se em madrugada. Tinha entre as pernas uma mancha de sangue e o seu cabelo, emaranhado e colado à cara pela mistura de lágrimas e suor, era do mesmo tom de vermelho-escuro. As unhas estavam cobertas de terra — por culpa da sepultura que cavara no terreno em frente à casa, no meio das videiras — e os seus olhos, antes claros e cor de avelã, estavam agora sombrios e distantes. Escuros.

Balbuciava palavras sem nexo, numa reza, e levava as mãos ao alto em jeito de redenção. Como se, a qualquer instante, esperasse que uma escolta policial lhe prendesse os braços atrás das costas. Algo que ela agradeceria, visto que uma prisão de paredes de betão e rodeada de arame farpado seria melhor do que a corda que colocara à volta do pescoço tantos anos antes. E que não conseguia desatar.

Quando chegou ao início da ponte de São Gonçalo, os seus pés eram chagas abertas. Deixavam um rasto turvo e castanho, indicando o

caminho a quem a quisesse seguir. Os braços tremiam-lhe. Aguentava-os erguidos havia horas, porque acreditava que se os esticasse muito, se os estendesse firmes para o céu, talvez Deus a visse. Talvez a notasse, finalmente. Bateu com os calcanhares no chão áspero e cinzento e a dor irradiou até às coxas. Era melhor sentir aquela dor física do que todas as outras, por isso bateu outra vez. E outra. Desceu os braços e levantou a camisa de dormir até à cintura. Urinou de pé, posicionando-se a meio da ponte. O cheiro chegava-lhe às narinas como se fosse amoníaco. *Que maravilh*a, pensou. *Assim espanto não só os homens, mas também os ratos.*

Manteve-se quieta por algum tempo, não saberia dizer quanto, mas aquele maldito zumbido no ouvido direito trouxe-a de volta, obrigando-a a abanar a cabeça como um cão que sacode o pelo molhado. Reparou no parapeito de pedra. Sentiu-o com as palmas das mãos. Arredondado e escorregadio por culpa da humidade, mas ela conseguiria subi-lo se o fizesse na zona do varandim onde existia um banco de pedra. O Tâmega, por baixo de si, sorria em silêncio. *Chamava-a.* A água era densa e negra, mas a lua estendia nela o seu reflexo, criando uma mancha difusa e branca no centro da paisagem. Ela sabia que a sua última cama seria aquele rio e os seus últimos lençóis aquelas águas, onde descansaria num sono profundo, sem interrupções ou sonhos. Sem inquietações.

Já nada mais lhe restava. Já não havia casa. Não havia marido. Já não lhe restava nenhum filho que pudesse deitar, ou que pudesse pedir-lhe *fica aqui só mais um bocadinho.*

Sentiu, por fim, o frio entorpecer-lhe os gestos e custou-lhe elevar a perna para trepar. Os braços estavam dormentes e ela podia jurar que não lhe pertenciam, que se mexiam sozinhos numa dança frenética de movimentos involuntários. *Seriam espasmos?* Concentrando as suas forças, ergueu-se a custo e endireitou as costas quando ficou de pé, tentando manter o equilíbrio e segurando-se a um dos pilares decorativos que se erguiam ao longo da ponte. O parapeito era alto, mas largo o suficiente para que se aguentasse ali. O vento colaborava com o rio e também sorria. Também a chamava. Olhou em frente, fitando o horizonte, e procurou esquecer o bramido intermitente que lhe ecoava na cabeça e o cheiro fétido que emanava do seu corpo quase nu. Olhou

para baixo e reparou no sangue, outra vez. Sangue na camisa de dormir e entre as pernas. *Aquilo teria de acabar*.

Começou a gritar. Primeiro um uivo de loba à qual roubaram as crias, depois sons guturais descontrolados que oscilavam entre o choro e o riso, enquanto o seu corpo balançava. Chamou, com a energia que lhe restava, todos os nomes próprios da sua vida — até o da mãe —, mas ninguém lhe respondeu. Ergueu a cabeça o mais que conseguiu, sem escorregar, e olhou o céu. Para lá da lua, nada mais brilhava. Sentiu-se terrivelmente sozinha.

De pé, dançando como uma bailarina numa caixinha de música cuja corda chegou ao fim, virou-se lentamente e fixou a Igreja de São Gonçalo. Apertou a barriga com força, pediu perdão ao filho que não chegara a ter, e inspirou fundo. Muito fundo, prendendo o ar.

A seguir, virou-se novamente para o rio. Fechou os olhos e sorriu.

Paz.

Foi esse o seu último pensamento.

Ao longe, de onde partira, as sirenes tocavam e o barulho dos bombeiros despertara e assustava os vizinhos, ainda que distantes. A Quinta de Vilar da Serra estava a arder havia horas e o vento, o mesmo que fazia Julieta dançar, não queria que o fogo tivesse fim.

PARTE I

1

2021

INÍCIO DE MARÇO

Julieta chegara até ali com alguma dificuldade. Ultimamente, as suas pernas pareciam não obedecer aos instintos mais básicos e o seu corpo tendia a responder-lhe demasiado devagar, se comparado com a aceleração quase febril da sua cabeça.

Deu por si a contemplar a mata de São Rosário. Aquele local que parecia perfeito para os primeiros encontros de adolescentes. Para os passeios a empurrar carrinhos de bebé. Para as caminhadas matinais na reforma, porque é aconselhável movimentar o corpo.

Quando era mais nova, algumas das suas aulas de educação física eram lecionadas ali, principalmente na primavera. Havia um campo de jogos, um circuito de manutenção — apto a corridas e com direito a estações para que se fizessem determinados exercícios — e uma espécie de anfiteatro ao ar livre, onde podiam aprender a parte teórica. Ela e a melhor amiga adoravam aquelas aulas. Podiam escapulir-se, em vez de correr; sentar-se na zona do parque de merendas, a pintar as unhas em vez de treinar remates à baliza; e, mais importante, Gustavo podia encontrar-se com ela, se tivesse um furo, ou faltasse às aulas. Naquele tempo, a mata podia ser um mundo por explorar. Ou um refúgio. Um jardim de segredos. Agora, porém, parecia-lhe tudo um pouco insípido. *Sem graça nenhuma.*

Já ali estavam há algum tempo. Não saberia dizer quanto. Gustavo, sentado ao seu lado, tinha as mãos dentro dos bolsos do casaco de camurça. O seu grande amor não passava, agora, de um estranho, mas era tão familiar a Julieta como uma parte do seu próprio corpo. Passara

tanto tempo desde a última vez que se tinham visto e, no entanto, dez longos anos cabiam num curto minuto. A posição das suas pernas. A curvatura das costas. Até o cheiro ao seu champô de mel e coco lhe parecia igual.

— Não dizes nada? Por favor, não fiques em silêncio, Ju. Não me faças sentir pior.

Sem grandes introduções ou panos quentes, ele explicara-lhe, depois da surpresa inicial dela, o porquê de a ter chamado ali e, entre ambos, instalara-se um silêncio amargo. Uma incerteza e incredulidade que fazia a barriga de Julieta contorcer-se. A garganta estreitar-se. Uma dor intensa crescer-lhe no fundo da alma, percorrendo ossos e músculos. Não podia acreditar no que ele lhe havia pedido. *Tinha-lhe proposto o impensável.*

Ela apagou o cigarro — com Gustavo, não precisava de fingir, fumava às claras. O seu estômago contorcia-se de fome. Não tomara o pequeno-almoço para não se atrasar e tinham combinado encontrar-se cedo para que não fossem vistos juntos. Era melhor assim.

Antes de quebrar o momento, baixou-se e apanhou do chão a beata, que enfiou dentro de um pacote de lenços de papel. Vazio. Usara-os para limpar as lágrimas.

— Lembras-te do aborto? — perguntou-lhe ela. — Ou finges que isso nem sequer aconteceu? Esqueceste-te do que *me* fizeste? Para me pedires *isto*, só te podes ter esquecido…

— Eu lembro-me, Julieta. É claro que me lembro. E imagino que ainda te doa quando te lembras; que seja difícil teres… teres passado por isso.

— *Tu* obrigaste-me a passar por isso! É isso que queres dizer?

A fúria dela era cortante. Apetecia-lhe levantar-se e correr. Descalça. Arranhar os pés nas silvas. Qualquer coisa que a distraísse da vontade de o empurrar. De lhe bater. De repente, lembrava-se do motivo pelo qual se afastara dele e cortara todo e qualquer contacto durante aquele tempo. Gustavo era como uma reação alérgica. Como uma melga, picava num único local, mas as «babas» alastravam por todo o corpo, criando uma comichão e infeção permanentes.

Exaltou-se, pôs de lado as boas maneiras que até então a tinham obrigado a manter-se contida e disparou, como se tempo algum mediasse o dia do aborto e aquele reencontro:

— Não, não imaginas, Gustavo. Não podes imaginar, porque para ti foi um alívio. Não querias ter filhos, pois não? Tu forçaste-me! Drogaste-me para que eu fosse a dormir todo o caminho. A única coisa que faltou foi amarrares-me os pulsos atrás das costas. Tens noção da violência de tudo isso? Do mal que me fez? Do que eu ainda sinto? — Limpou o suor da testa; tinha muito calor, agora. — E nunca me deixaste falar sobre o assunto… tu… — suspirou. — Tantos anos em silêncio. Sem ter ninguém com quem falar sobre isso. A sufocar de dor. Com um aperto mudo no peito. E a culpa é tua. Sempre foi.

Pôs o casaco pelas costas enquanto tirava outro cigarro. O corpo arrefecera num ápice, como um termóstato avariado. Já devia ter fumado meio maço, mas se mantivesse as mãos ocupadas elas não tremeriam tanto. As suas pernas pareciam ligadas a uma corrente elétrica e a sua cabeça divagava, como se assistisse àquela cena de fora.

Subitamente, não sabia o que fazia ali. Parecia-lhe que o seu corpo tinha trilhado o caminho sozinho. Ou talvez tivesse sido o seu inconsciente a comandar-lhe os passinhos. Pequeninos, comedidos, cheios de medo. Estava desorientada e aquela conversa não a ajudava. *Não devia estar ali.*

— Eu sei, desculpa. Foi uma coisa parva de se dizer. Na verdade, eu não imagino aquilo por que passaste e é claro que foi muito pior para ti.

Ela sabia-o hesitante. Com medo de dar continuidade àquela conversa.

— Só foi mau para mim e esse foi sempre o problema. Mas agora já não preciso da tua pena, Gustavo. Não preciso mesmo…

Era verdade. Aquele assunto já a afligira muito no passado e agora descansava onde devia, ou pelo menos assim o pensava. Lascou o verniz do dedo anelar com o polegar e tentou, com os dentes, arrancar uma pele irritante que tinha ao lado da mesma unha. Estalou os nós dos dedos. Um tique antigo que era expressão de insegurança.

— Eu sei, mas podemos não falar mais sobre isso agora, sobre esse assunto?

— Só estou a falar do aborto para que ganhes consciência daquilo que me estás a pedir. É uma ideia de merda, tenho de te dizer!

Deu uma última passa no cigarro, fez três círculos no ar e ele aproximou-se dela, inesperadamente. As pernas dos dois tocaram-se e ela sentiu um milhão de coisas em simultâneo. Paixão. Desprezo. Uma vontade absurda de o abraçar, que a fez questionar-se sobre o controlo dos seus próprios membros. Da sua própria cabeça. *Estaria louca por desejar que ele lhe tocasse?* Sentiu ansiedade e medo. E, logo depois, nojo e tristeza. Uma tristeza imensa. Por tudo o que foram e já não eram — nunca chegariam a ser — e por si própria, por ainda vacilar como um castelo de cartas.

— Eu sei o que te estou a pedir — declarou ele, convicto. — Eu percebo a dimensão e a insanidade do que te estou a pedir. Mas eu não estou louco! Só estou a morrer. — Olhou em frente, sem focar realmente alguma coisa e prosseguiu: — Tenho pouco tempo de vida…

O vento soprava, as copas das árvores dançavam sincronizadas. Os pássaros ouviam-se ao longe e o zunido de uma abelha despertou-a para um emaranhado de flores silvestres, amarelas, que lhe cobriam os pés. Cheirava a primavera e aquele sítio apaziguava-a. Uma serenidade que fazia Julieta sentir-se reconfortada pelo silêncio. Não se ouvia uma única voz além da sua. Era, uma vez mais, a *sua* mata.

Rodou o corpo e virou-se para ele. Olharam-se e, naquele gesto, cabia um passado de paixão e de mágoa. Fitou aquele rosto, começando pelos olhos: escuros como carvão, misteriosos e intensos. Tantas vezes se perdera neles. Cedera, por eles. Depois, focou aquele maxilar. Forte e destemido. Determinado. Fazia que fosse fácil para os outros subjugarem-se às suas vontades. Tinha uma barba mal semeada de pré-adolescente, ainda que já contasse trinta e oito anos, e a boca — *aquela maldita boca* — levava-a a pensar, ao revê-la tanto tempo depois, que continuava a não existir no mundo um desenho tão perfeito. Um lábio superior emoldurado sobre o outro de forma tão primorosa. O sacana era bonito.

Gustavo segurou na mão de Julieta. Os dedos dele faziam festas suaves nos dela, num movimento circular. Contínuo. Tinham, contudo,

um tom pardacento e estavam magros. Os sinais de velhice eram tantos que aquela mão parecia pertencer a um homem de oitenta anos.

— Quanto tempo é que te resta?

— Seis meses, talvez. Um ano, no máximo.

— E achas que é suficiente para… — Encostou a cabeça no ombro dele, abandonando os seus princípios. Os ossos magoaram-na. — Supondo que eu aceito, achas que dá tempo para fazermos isto?

— Acho que sim. Espero que sim.

— Muito bem… — disse ela, endireitando-se e separando o corpo do dele, como se tivesse despertado com um choque. — Vou pensar nisto e voltamos a falar assim que tomar uma decisão. Não demoro muito tempo, prometo. Considerando que estás… — Não tinha coragem para o dizer em voz alta. *A morrer.*

Estavam sentados no que restava de um tronco perdido no meio da mata, de frente para o parque infantil sem crianças. Sem movimento que não o do vento. Sem sombra de riso. Sem nada.

Julieta levantou-se, enfiou os braços nas mangas do impermeável e seguiu pelo caminho de terra batida. Não se despediu. Não olhou para trás. Tinha um zumbido estranho no ouvido, como um grito abafado que ela não conseguia calar e, antes de entrar no carro, deitou no contentor do lixo o frasco de comprimidos que tinha no bolso interior da mala e que, havia dias, deixara de tomar.

Precisava de pensar com clareza. E, decidiu, não queria perto de si quaisquer drogas que lhe confundissem, ainda mais, a cabeça.

Para a baralhar, já lhe bastava Gustavo. Aquela proposta. *Tudo aquilo.*

2

2001

ABRIL

Deitada na cama de pinho, a fitar o teto havia cerca de uma hora, sem planos e com tempo de sobra, Julieta levantou-se de repente e procurou na gaveta da sua mesa de cabeceira o diário patético que a avó lhe enviara pelo correio, no último Natal. Lembrava-se de ter achado aquele presente completamente idiota. Sim, era verdade, ela gostava de escrever. E sim, era verdade, ela sempre o tinha feito, mas um diário com corações roxos e um coelhinho vestido de jardineiras, que se fechava com um cadeado de chave minúscula, era uma péssima prenda para alguém com dezassete anos. *Absurdo*. No entanto, por qualquer motivo que lhe era desconhecido, acabou por guardá-lo. Talvez porque a ligava de algum modo a essa avó com quem nunca tivera relação alguma. Com quem trocara apenas uma dúzia de telefonemas e uma mão de cartas, ao longo dos anos — embora ela nunca se esquecesse de lhe enviar uma prenda no Natal; talvez só não se lembrasse, ao certo, da idade da neta.

O tédio ganhou à embirrância da adolescência e deu por si a abrir o diário. Deitou-se na cama de barriga para baixo. Pegou numa caneta *Bic* azul de tampa roída e começou a escrever.

O meu nome é Julie, tenho dezassete anos e sou muito velha para ter um diário. Na verdade, o meu nome não é Julie, mas sim Julieta. Algo que, apesar de para a minha mãe ser um nome incrível, na minha opinião me condenou logo à nascença. Há alguma Julieta que tenha sido feliz no amor? Não

conheço! Por isso, quando tinha treze anos, cheguei à escola e disse a todos os meus amigos que me deviam chamar Julie, uma vez que, tendo nascido no Canadá, tinha dupla nacionalidade. Ninguém me questionou e eu não contei que tinha ouvido essa história na padaria, no dia antes — ao que parece, a sobrinha do dono chama-se Michelle por essa razão, embora viva, tal como eu, na vila de São Rosário.

De qualquer forma, vamos ao que interessa. Sou demasiado velha para ter um diário, mas não me resta alternativa. Estou de castigo! Não posso sair de casa durante duas semanas e estamos nas férias da Páscoa. Aposto que os meus amigos se vão esquecer de mim em três tempos, tal como a minha mãe se esqueceu do meu pai, que um dia se fez ao caminho e nunca mais voltou. Literalmente, porque ele era camionista.

Estou de castigo por dois motivos: não fui com a minha mãe visitar a minha avó ao hospital e parti-lhe um buda no meio da nossa discussão. Atenção: partir um buda da coleção da Ermelinda está no mesmo nível de criminalidade que assaltar uma bomba de gasolina, por isso, obrigou-me a colar a porra do buda, porque tem um valor inestimável, e ficou mais preocupada com a recuperação do boneco do que com a da minha avó. Ela não se preocupa com ninguém a não ser ela mesma. Por isso mesmo, não consigo entender que interesse tem ela em fazer visitas regulares à avó Clotilde no hospital, que vive no Norte, mas que foi para Lisboa fazer uma cirurgia. Cheira-me a esturro! Dona Ermelinda não dá ponto sem nó e eu não quis ir com ela, porque não compactuo nessas palhaçadas.

A minha mãe vive rodeada de incensos, budas, massagens terapêuticas, conversas com espíritos (sim, é verdade, ou seria se eu acreditasse nisso!) e inventa negócios do arco-da-velha. Faz de tudo um pouco, mas é boa em muito pouca coisa e, na realidade, acho que ninguém a leva muito a sério. O seu ar, ao mesmo tempo espampanante e descuidado, revela claramente a pouca coerência da sua pessoa. Mais recentemente, é professora de ioga. Inventou que tem um curso e, como tal, enfia dez pessoas na nossa sala — sendo que estão tão apertadas que correm o risco de partir narizes com saudações ao Sol mais efusivas — e passam aquela hora a fazer pinos. Ultimamente, falo com a minha mãe enquanto ela vê o mundo de cabeça para baixo, porque ela acredita que assim as ideias lhe saem com mais clareza. Que ideias? É que daquela cabeça só saem ideias de merda.

Não sei como nos sustenta, na verdade, mas até ver ainda não fomos despejadas e nem morremos de fome — embora já tenhamos andado lá perto.

Eu, mais do que ela.

A campainha tocou, mas Julieta não podia abrir a porta, já que Ermelinda a trancara quando saiu e levara consigo todas as chaves. Aproximou-se do intercomunicador, que fazia um ruído terrível, e perguntou quem era.

— Sou eu, a Leila. O que raio se passa? Só ouço barulho! Estás a furar paredes com um berbequim?

O ruído intensificou-se e ouviu apenas metade do que a amiga lhe gritou.

— *Berbequim*, o quê?

— Esquece e abre a porta. Estou farta de te ligar! — ordenou. Ela não gostava de perder tempo e, muito menos, que não a ouvissem.

— Não posso, não tenho chave. Nem telefone.

— O quê?

— Não tenho chave! Ela trancou-me.

— *Tran-quê*? Trancou-te? Estás presa? — espantou-se e, logo de seguida, rematou: — realmente, achei estranho não vires ter comigo, nem atenderes as minhas chamadas.

Julieta suspirou. Falou pausadamente.

— Sim, a Ermelinda trancou-me — repetiu, sílaba a sílaba, como se fosse uma voz num atendedor de chamadas. Lenta. Mecânica. Irritante. A disparar atalhos.

— Ah, já entendi! Então abre a porta do prédio, pelo menos, e eu subo até ao terceiro andar e falamos com a porta entre nós. Deve ser mais fácil do que usar esta porcaria… faz um barulho horrível! Estou a ficar surda!

Percebeu que devia abrir a porta do prédio e foi o que fez. Quem lhe dera que fosse Gustavo a tocar à campainha. Ainda teve alguma esperança, mas ela dissipou-se mal ouviu a voz de Leila. Não deixava de pensar que, estando privada de internet — Ermelinda não pagara, uma vez mais, a fatura telefónica —, o que a impedia de falar com ele no mIRC e de usar o telefone fixo — e, sobretudo, não podendo sair de

casa, corria o sério risco de que aquele namoro terminasse ainda antes de começar, pelo menos de forma oficial. Gustavo e Julieta já se beijavam atrás do pavilhão há pelo menos uns dois meses. E ela acordava e deitava-se a pensar na boca dele, o que estava a deixar Leila, a sua melhor amiga, furiosa.

— Já aqui estou. Estás a ouvir-me? Dá dois toques na porta se sim.

— Eu estou a ouvir. Vou dar toques na porta para quê, se te ouço?

— Porque era fixe! Tornava a coisa mais misteriosa… mais à filme.

— Leila, esta porta nem deve ser de madeira, sequer. Isto é uma tábua. É claro que te ouço.

— Também te tirou o telemóvel, suponho.

A amiga tinha oferecido um telemóvel a Julieta no Natal anterior. Considerando que pouca gente ainda o usava, normalmente esquecia-se dele em casa e não lhe dava grande importância, mas, de castigo, notara a sua falta.

— Claro.

Sentaram-se. Uma de cada lado da porta de entrada do terceiro esquerdo, do número oitenta e um, da Rua das Margaridas. Leila encostou as costas, esticou as pernas e começou a desfranjar um rasgão das calças de ganga, por cima do joelho. Julieta, por sua vez, estava de frente para a porta, como se pudesse ver a amiga, com as pernas cruzadas à chinês e a contar as nódoas que encontrava nas calças do pijama.

— A cabra da minha mãe prendeu-me! Achas isto normal?

— *Opá*! Não lhe chames isso…

— É a verdade.

— O Gustavo não é melhor do que ela e tu ficas ofendida quando lhe chamo *O Merdas*… pelo menos a tua mãe cozinha bem!

— Para de pensar em comida, Leila — ordenou Julieta e ignorou, de propósito, o primeiro argumento. Puxou as meias para cima, prendendo as calças que lhe estavam curtas. Tinha frio nos tornozelos, ali parada. O chão de cerâmica estava gelado.

Leila fingiu tossir do outro lado. Esperava, com toda a certeza, que Julieta tocasse *naquele* assunto, mas ela preferia não o fazer. Em vez disso, desviou o tema, concentrando-se no novo engate da mãe. Leila adorava todo o tipo de cusquices sobre as aventuras de Ermelinda.

— O novo namorado da Ermelinda deve pertencer a uma seita de vegetais, porque é mesmo, mesmo verde e até tem cara de tubérculo.

— Jura?

— É verdade! Juro. Está mesmo bom para esta nova fase *verde* da minha mãe. Tem um nariz terrível, tipo uma curgete pequena, um tom de pele cor de azeitona e cheira a couves. Queres mais *vegan* do que isto? Podia ser uma personagem nuns desenhos animados que ensinassem as crianças a comer vegetais.

Leila riu-se.

— Mas isso não é o mais importante para a minha mãe, como sabes. E também não é a beleza interior. — Respirou fundo, aquela parte era séria. — É a carteira cheia de notas que o gajo tem. Quando cá vem deixa sempre um monte delas em cima da mesa da cozinha. Enrolado e preso com uma guita. De um material biológico, claro!

— Ah, ah, ah! Aposto que a Ermelinda o come fresquinho e sem conservantes.

— Que nojo, Leila! Prefiro não a imaginar a comer o Vegetal. Para o bem e para o mal, ela é a minha mãe.

Embora se esquecesse disso algumas vezes. Ou tentasse esquecer-se, porque a relação delas era tão terrível e instável que preferia fingir que eram amigas, ou só conhecidas, em vez de mãe e filha. O desapego de Ermelinda era, desse modo, mais fácil de suportar. *Tolerável.*

Nas vezes em que não se esquecia do vínculo que as unia, odiava-a com todo o seu corpo. Com toda a sua fúria. Aquele desprezo. Aquela maneira de ser e de estar, burlona e vigarista, que a envergonhava, sem princípios ou valores que ela quisesse seguir e dos quais se orgulhasse. *Era uma cabra egoísta.* E, embora tivesse tentado durante muito tempo, Julieta já desistira de salvar aquela relação. Já não era uma miúda crente e ingénua, capaz de acreditar na história da carochinha. Por isso, na maioria das vezes, preferia esquecer-se de que ela era sua mãe. Sim, era muito mais fácil esquecer-se de que tinha mãe.

— Leila?

— *Siiiim,* Julie… — prolongou o *i,* num tom de criança à espera de um chupa.

— Esse teu silêncio… não és de ficar calada! Afinal, ligaste-me tantas vezes e vieste aqui de propósito, porquê?

— Olha, primeiro para saber se estavas viva, estava a ficar preocupada, e, depois… depois, porque quero saber o que raio se passa. Por que razão andas tão calada e com essa cara de parva… Já começo a ficar farta de andar a enrolar isto. É por causa do Merdas, não é? Só pensas nesse anormal!

Julieta calou-se. Leila irritava-a quando começava a falar de Gustavo assim — para não falar da alcunha que lhe dera. Era a sua melhor amiga, isso era certo, e tinha um estatuto na sua vida que, por tudo o que já haviam passado juntas, lhe dava poder para ser franca, mas aquilo doía. De qualquer modo, pensou, ela iria acabar por saber o quanto Julieta estava envolvida naquilo, com *ele*, já que não tinham segredos uma com a outra desde os tempos de escola primária — quando, por vergonha, tentara ocultar quem era a sua mãe e de que forma vivia; e se não considerassem aquele episódio, que tinha acontecido nos seus catorze anos, e do qual nunca falara a ninguém.

— Os pais dele vão estar fora a partir de amanhã, só regressam daqui a quinze dias, e ele sugeriu que eu lá fosse jantar na quarta-feira — suspirou. — Estou nervosa só de pensar. Imagina o que pode acontecer… sozinha com ele! Tenho andado tão, tão ansiosa. Só penso nisso. Não é fantástico ele ter-me convidado? Achas que finalmente quer assumir as coisas? — Não esperou pela resposta. Tinha-se sentado numa outra posição, dobrando as pernas para o lado direito e falava de modo entusiasta, quando perguntou: — Não consigo falar com ele sem telemóvel, podias enviar-lhe uma mensagem de texto a explicar o que se passa? Por favor? — implorou.

— Que idiota que me saíste!

— Não digas isso…

— É verdade! E não lhe vou mandar mensagem nenhuma… não achas que se ele estivesse preocupado, te tinha vindo procurar? Tal como *eu* fiz? Até lhe deve dar jeito não dizeres nada.

— *Opá!* Que desmancha prazeres, fogo! Tu também…

— Eu, nada! Ele é um mer-das. Ponto final.

— Não digas isso — insistiu Julieta. — Tu sabes que eu gosto dele. E, apesar de tudo, ele tem-me feito bem. Faz-me companhia, preocupa-se comigo… as coisas aqui em casa conseguem ser terríveis, tu sabes. E ele… ele distrai-me disso. Ajuda-me.

— Isso não o desculpa, Julie. Se gosta realmente de ti, tem de o assumir. E deixar-se de falinhas mansas e conversas com qualquer rabo de saia que se cruze com ele… com aquele grupinho dele.

— Eu sei…

— Às vezes, não me parece que saibas.

— Sei, sim. Mas tu também exageras… ele também não é o monstro que tu pintas!

— É claro que é, Julie. É um aldrabão!

Ela estremeceu do outro lado da porta.

— Olha, ouve bem… — pediu Leila. — Não te estou a dizer isto porque tencionas ir para a cama com ele, quero lá saber disso, mas sim porque ele é um imbecil. Deve namorar contigo e com outras cinco ou seis ao mesmo tempo, sabes disso, não sabes? Não percebo que merda te fez para estares assim… se calhar devíamos perguntar à tua mãe, já que ela fala com o Além!

Ouviram ambas a porta de entrada do prédio bater e saltos a ecoarem, enquanto uma mulher se dirigia às caixas de correio de alumínio. Leila espreitou pelo varandim interior do prédio e viu o cabelo encaracolado de Ermelinda e um pouco do seu vestido vermelho, com grandes bolas brancas. Abriu bem os olhos. *Claro, só podia. Quem mais nunca dispensaria os seus sapatos de saltos de agulha?*

— É a tua mãe! Vou subir até ao quarto andar e espero lá em cima até ela entrar em casa. Depois saio, quando a costa estiver livre. Assim ela não me vê aqui.

— Boa ideia! Vai, vai… — apressou-a, já a antever o escândalo que haveria no patamar, se a mãe apanhasse Leila ali. Ermelinda até gostava da melhor amiga da filha — *tanto quanto Ermelinda poderia gostar de alguém!* —, que por sinal era amada por meio mundo apesar da sua frontalidade grosseira, mas aquele encontro seria o suficiente para que ela lhe desse uma sova de cinto. A mãe gostava de arranjar pretextos

de vez em quando. Era uma maneira de descarregar a sua fúria, e executava-a na perfeição deixando Julieta bem marcada.

— Adeus, fofa. E, por favor, para de pensar nesse anormal! Ainda me vais agradecer a sinceridade…

— Vai, vai, por favor! — Chutou-a, depreciando o seu conselho final. Estava a ficar boa naquilo de só ouvir o que queria.

Julieta voltou para o seu quarto. Escondeu o diário, que deixara aberto em cima da cama, debaixo da almofada, e sentou-se quieta à espera. A imprevisibilidade daquela pessoa endoidecia-a. Nunca sabia com o que contar quando a mãe entrava em casa.

Ermelinda carregava sacos de roupa, que pousou no sofá da sala, atirando para o chão as almofadas e o tabuleiro com migalhas, pratos e chávenas que lá jazia esquecido havia dias. Disfarçara a má noite anterior com um excesso de base e tinha um tom alaranjado, como se se tivesse besuntado com um autobronzeador reles. Cantava e falava sozinha enquanto se debruçava sobre aquela tarefa, como, amiúde, era habitual fazer.

— Julieta? Julieta? Estás em casa? — berrou a plenos pulmões como uma varina a vender o seu peixe.

E onde é que poderia estar se me trancaste aqui de castigo?, pensou. Saiu do seu quarto em câmara lenta. Pé ante pé e sem vontade de socializar. Apenas pelo timbre usado, já percebera que a mãe vinha entusiasmada, o que era sempre um mau sinal.

— O que é? — Deu de caras com Ermelinda a tirar vestidos e casacos de malha de dentro dos sacos e a espalhá-los pela alcatifa. A mesa de centro tinha sido desviada a custo, deixando um rasto de bolor, restos de comida e um cheiro a chulé, à sua passagem.

— Repara nisto, repara!

Apontou para os sacos com uma alegria genuína. *Patética.* Por que razão estaria tão feliz? Era só roupa! E usada! Estava prestes a virar costas quando ela a agarrou pelo braço e a puxou, atirando-lhe uma camisola de malha, cheia de borboto, para o colo.

— Podemos vendê-la, não vês? Montamos uma banca lá em baixo à beira da estrada, porque tem imensa passagem. Tenho uns cavaletes

na garagem que são perfeitos para isso… ou achas melhor fazermos a venda no largo de São Rosário? Será melhor?

— Sabes que para venderes coisas tens de ter uma licença, não sabes? Estamos em 2001, por amor de Deus!

— Deus? Que Deus? Não eras ateia?

Ermelinda tentava espicaçar Julieta, já que esta desvalorizava toda e qualquer religião ou crenças da mãe — que, a bem da verdade, nem sabia quais eram.

— Oh, não! Não vamos começar…

— Era uma piada! Que mau feitio que tu tens, que caraças! Não sais a mim… sempre bem-disposta.

Ermelinda começou a dançar à volta da filha, com um vestido amarelo berrante à frente do corpo, preso em cima entre o queixo e o pescoço. Os caracóis tombavam-lhe sobre o rosto, e os pés, entretanto descalços, tinham as unhas pintadas de vermelho. Pintava sempre as unhas e nunca, mas nunca, podia ter uma falhada. Era um hábito quase obsessivo que contrastava, muitas vezes, com o facto de nem lavar o cabelo. Desatou a fazer cócegas a Julieta e esta encolheu-se e esquivou-se.

— Para com isso. Não estavas chateada comigo? Não estou de castigo?

— Estás. Mas e daí? Olha que merda… eu não posso estar feliz? Isto vai encher-nos o frigorífico! — rejubilou.

Começou a colocar tudo outra vez dentro dos sacos, que publicitavam uma qualquer cadeia de supermercados, num acesso rápido e como se precisasse, com urgência, de esconder alguma coisa.

— Onde é que arranjaste isto? Esta quantidade de roupa?

Estava parada diante da mãe, subitamente consciente de que alguma coisa não estava certa. Ermelinda evitava fitá-la e fazia isso sempre que tentava esquivar-se.

— Encontrei.

— Encontraste?

— Achar não é roubar. Encontrei isto esta manhã à porta do centro paroquial. Se era para ajudar quem precisa, pois aí tens… *eu* preciso!

— *Mas isso é mesmo roubar!* Isso não era teu. Pegaste nas coisas sem dizer nada a ninguém?

— Claro. O centro paroquial ainda nem estava aberto… alguém deve ter deixado lá a roupa, durante a noite.

Quando pensava que a mãe não podia piorar, esta mostrava-lhe que a sua falta de carácter era infinita. Ermelinda tinha trinta e cinco anos, mas a maturidade e responsabilidade de uma criança de dez. Julieta habituara-se a lidar com ela com distanciamento, para se proteger da dor do abandono que sentia, de cada vez que lhe dava uma oportunidade, lhe abria uma janela, e Ermelinda logo de seguida a fechava, deixando os dedos da filha entalados no caixilho.

— Eu não posso acreditar que tu fizeste isso. Tu realmente não tens limites! Roubaste os sacos de roupa para os pobres? *A sério?*

— Eu *achei* os sacos de roupa, porra. Ai, pá! Tu és *tão* aborrecida! Que merda! Pareces uma velha chata com problemas intestinais. Sempre contraída. Com essa cara de cólica… — Ermelinda revirou os olhos e pôs-se séria. — Volta para o teu quarto, fedelha! Estás de castigo, lembras-te? Quem é que te mandou sair de lá, afinal? Que caralho… e dá cá a puta da camisola! Não penses que ficas com ela.

Julieta atirou-lhe com o monte de malha, que parecia um bocado de uma manta usada e velha, ou um gato morto, virou costas e fechou-se no quarto. A mãe era desequilibrada e era preferível viver sozinha, entre as suas paredes que mantinha limpas e organizadas, a partilhar ar e espaço com aquela mulher.

Roubar sacos de roupa ao centro paroquial. Que vergonha! Só podia desejar, com toda a sua fé — *que pena ser tão pouca* —, que Deus a poupasse àquele castigo e que aquelas roupas fossem vendidas longe de São Rosário. Para que ninguém, bem-intencionado, visse os vestidos que tinha doado a desfilar numa banca de Ermelinda.